

O

Investigador Portuguez

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL

LITERARIO, POLITICO, &c.

~~~~~  
VOL. XIII.  
~~~~~

Condo et compono, que mox depromere possim.—HOR.

LONDRES:

IMPRESSO E PUBLICADO POR T. C. HANSARD,
Na Officina do Investigador Portuguez,
Peterboro'-court, Fleet-street.

Em caza do Snr. Marques de Cascaes se abriu jogo há hum pouco de tempo, e nesta assembleia assistem muitos Senhores, que se divertem em varias mezas; e todas as noites há dois sermoens, hum de jogo em que prega D. Carlos de Menezes, e outro de politica, que faz o Conde de Vimioso. Mas em hum e outro concurso são contrarios os effeitos; porque no sermaõ de D. Carlos os que perdêram sahem arrependidos, e no sermaõ do Conde os que não ganharam sahem conformes. Eu não sou ouvinte nem de hum nem de outro, ainda que em nenhum delles tenho que perder.

As chuvas vão continuando com tanta força que já não há em que caiam, e as novas das grandes perdas que ellas têm feito são da maior lastima, e do maior temor. Em huma propriedade que tenho, e que hé a sege em que ando, experimentei huma grande ruina, porque não houve pinga de agoa que a não tenha inundado por todas as partes, sem fallar na libré do meo creado, que hé hum usufructo que taõbem tenho. —Lisboa, &c. &c.

(Continuar-se-ha.)

Considerações sobre o Verso Saphico, e Principios geraes de Syllaba, applicados particularmente á Lingoa Portugueza.

Scribimus indocti, doctique poemata passim.—HORAT.

A mania de fazer, versos á toa era conhecida já dos antigos; e muito a proposito encrepava Horacio aquelles que no seu tempo tinhaõ pretensões poeticas sem o conhecimento das regras daquella arte, ou o que ainda hé peor, com o desprezo dellas. Tinha rasão de os censurar severamente, e bem claro lhes mostrava o exemplo do medico, do piloto, de todo o artista em geral, que estudavaõ as regras da sua arte, primeiro que a praticassem. Para justificar a censura, elle déo preceitos, assas que guiassem os candidatos da poesia; e estabeleceo practicamente todas as regras do metro.—Nós quizeramos imitar Horacio, por haver-mos que pugnar com os mesmos defeitos que

ella combateo, mas faltos de seu engenho, e perspicacia, poderemos á penas lançar os fundamentos de huma doutrina, que genios mais indagadores poderaõ melhorar; e fixaremos, quando muito, algumas regras do metro, cultivado pelos poetas antigos, e inteiramente abandonado pelos modernos.

Naõ admiro, que depois da queda que soffreo a lingua Grega, e muito particularmente a Latina, os grammaticos se naõ occupassem do metro, vendo que os poetas modernos lhe haviaõ substituido a rima. Naõ entraremos na questãõ se a rima hé preferivel ao metro. O nosso fim hé mostrar a possibilidade de restaurar aquelle na lingua Portugueza, naõ obstante a escassez dos nossos meios, e naõ termos huma grammatica em lingua moderna, (se á penas exceptuamos o Allemaõ) que tracte de syllaba, como parte essencial á poesia, e necessaria na cultura da lingoagem.

Para melhor proceder-mos na analyse do verso Saphico, como em o nosso antecedente Numero prometemos, será bom, que digamos aos nossos leitores o que entendemos em geral por metro. Nós entendemos por metro, naõ hum certo e determinado numero de syllabas, como se requer na rima, mas hum certo arranjo de palavras, compostas de syllabas, regularmente breves e longas, que formem huma prolação constante, e tempos uniformes, como no compasso da musica. Dirse-nos-ha, que na rima taõbem há metro. Deve havelo, respondemos nós, e ás vezes o encontramos no verso rimado; naõ porque os rimadores attendessem á esta circumstancia, mas porque assim lhes correo a vea poetica. Que o metro naõ foi olhado como essencial na rima, se collige dos melhores poetas modernos. Entre os muitos exemplos deste genero que podiamos citar, bastará o seguinte verso de Camoens,

Cujo peccado, e desobediencia.—*Lusiad*, canto 4.

para provar-mos que na rima só erá essencial o numero das syllabas, entretanto que na metro se requer, alem disso a condição de constantes breves e longas. Passemos pois a considerar o verso Saphico, tal como o encontramos na sua origem Grega, e perfeita imitação Latina, e acharemos a sua verificação em Portuguez na Ode que no antecedente Numero ficou transcripta.

Consta o verso *Saphico* de cinco pés, dous *spondeos*, dous *trocheos*, e hum *dactylo*. O primeiro pé hé *trocheo*, o segundo *spondeo*, o terceiro *dactylo*, o quarto *trocheo*, o quinto *spondeo*. Consta o pé *trocheo* de duas syllabas, a primeira das quaes hé longa, e a segunda breve. O *spondeo* consta taõbem de duas syllabas, mas ambas longas. O *dactylo* de tres, a primeira das quaes hé longa, e as duas seguintes breves. Cada *strophè* contém tres versos *Saphicos*, e termina n'hum pequeno verso—chamado *adonio*, o qual consta de dous pés somente, o primeiro *dactylo*, o segundo *spondeo*. Exemplifiquemos esta regra, na seguinte *strophè* de hum ode *Saphica*, composta pela sua mesma inventora *Sapho*, celebre poetiza Grega; a qual transcrevemos aqui em caracteres Romanos, por não termos á mão o original, e isso sem nada alterar o valor do seu metro, ou da sua construcção mechanica.

C'ade hydros psychros ch'ei tromos de
 Passan airei; chloretere de poias
 Eime tethnenai, d'oligo deoissa
 Phainomai apnys.

ou como se lê pelos Gregos modernos; e hé mais conforme á natureza daquelle metro—

C'ad' hīdrōs psīghrōs, ghēēi trōmōs dē
 Pāssān ērī; ghlōrōtēre dē piās
 imē tētnēnē, d'ōligō dēissā
 Phēnōmē āpnīs.

Nesta *strophè* exprime *Sapho* elegantemente as emoções, e sobresaltos, que experimentava na presença do seu amante.—Eis aqui a traducção mais literal, que podemos fazer, desejando conservar o mesmo metro no Portuguez—

Banha-me os membros hum suor gelado,
 Eu tremo toda; e palida ficando,
 Sinto morrer-me; e agonisante logo
 Cáio sem vida.

Da mesma sorte mediremos o *Saphico Latino*; como por exemplo na seguinte *strophè* da primeira ode *Saphica* de Horacio.

Jām sātīs tērrīs nīvīs ātquē dīraē
Grāndīnīs mīsīt Pātēr ēt rūbēntē
Dēxtērā sācrās jācūlātūs ārcēs
Tērrūit ūrbēm.

Traducção no mesmo metro:—

Sobejas neves, e saraiva dira
Deo Jove ás terras, e co' a mão vibrando
Rubida os Templos, de terror gelar-se
Fez Roma toda.

Applicando agora a mesma escala á Ode Saphica, que no passado inserimos, verificaremos o dito metro em abono do que dicemos.

Māntō, quē as nōitēs āfēāstē d'Elbā
Cō' as nēgrās cōrēs dō mēdōnhō Avērnō,
D'hōrrōrēs quāntōs, lācērādo ābrīstē,
Scēnā trēmēndā.

E assim por diante; o que o leitor pode verificar, se quizer ter a paciencia de medir deste modo todos as strophes: prevenindo-o, que toda a syllaba em Portuguez, que não achar conforme ás regras da Latina, será breve ou longa, pelas razoes que logo assignaremos.

Primeiro que tudo será preciso convir com os grammaticos sobre os principios da syllaba Grega e Latina, radicalmente tirados, para dali deduzir-mos o typo fundamental de toda a syllaba moderna, e elucidar-mos as alteraçoes que nesta se encontrao relativamente aquelles principios, que reduziremos ás seguintes regras.

REGRA 1ª.

Todo o diphtongo, isto hé, a reuniaõ de duas vogaes, que na pronuncia se destinguaõ, hé sempre longo. Como porem no Grego, e n'algumas lingoas modernas, há duas vogaes unidas, que tem o som de huma só, assim como, ai, oi, ei, que no Grego soaõ e, i, i, taes diphtongos, impropriamente assim chamados, podem ser breves.

REGRA 2ª.

Toda a vogal simplez hé commum, isto hé, pode ser breve ou longa, segundo as suas combinaçoens co' as lettras consoantes, ou com outras vogaes. Assim qualquer vogal, precedida de duas ou mais consoantes, hé longa na lingua Latina; nas modernas taes como no Allemaõ, no Inglez hé taõbem longa; se hum daquellas lettras consoantes não for liquida, ou muda, sendo alias breve. Esta differença de syllaba entre o Latim, e as lingoas modernas, faz que na Portugueza se não possa estabelecerem toda a sua amplitude aquella regra Latina, apezar da lingua Portugueza ser sua filha immediata. Já tivemos occasião de observar, tractando deste objecto, que as palavras Portuguezas de duas ou mais syllabas, que tem o accentto na final, não obstante serem Latinas, differem no valor das suas syllabas por aquella simplez razão—Ex. gr. As palavras horrór, temór, amór, tem o accentto na final; no Latim hé o contrario ou pelo menos diverso, pois que lêmos hórror, como em *frigidus horror*, ámor, tímor; donde inferimos, que o valor das duas syllabas naquellas palavras, pertencentes á duas lingoas, não hé o mesmo nellas ambas. Se acrescentar-mos que não há hum só palavra em Latim, com accentto final; temos já hum criterio assaz pronunciado para differenciar-mos a syllaba Portugueza da Latina em todas as palavras daquella em que houver accentto final—que certamente são muitas. Isto posto, estabelecemos como regra fundamental da syllaba Portugueza—que toda a syllaba com accentto final hé longa; e que por isso o accentto ou a falta delle no Portuguez basta para determinar as longas, breves, ou communs; e não as terminaçoens, como no Latim; do que se segue, que a regra Latina de toda a vogal antes de duas consoantes ser longa; tem no Portuguez algumas restricçoens.—Não podemos admittir com os nossos censores, que nas palavras *verdade*, *perjuro*, as primeiras syllabas *ver*, *per*, não possam ser breves, por isso mesmo que nunca o são no Latim.—Insistimos com tudo, que a analogia nem sempre teve lugar. Eis aqui a razão em que nos fundamos.

Toda a syllaba, ou som elementar, considerado ab-

solutamente, hé indeterminado, e só comparativamente á outra syllaba hé que se pode chamar breve, ou longa, segundo o maior ou menor tempo que leva em proferir-se; e como este seja indefinido; isto hé, huma syllaba sendo mais ou menos longa, mais ou menos breve, segue-se, que huma syllaba menos longa hé longa relativamente á huma breve, mas hé breve relativamente á huma mais longa. Eis aqui o que quer dizer syllaba commun, de que os grammaticos não tem dado exacta definição.—Por outra parte, o accento final fazendo-nos carregar na ultima syllaba, faz que as antecedentes sejam pronunciadas mais breves, do que resulta para a lingua Portuguesa huma infinidade de palavras compostas de syllabas breves, e brevissimas, longas, e longuissimas, que se não achão no Latim, e que nisto a fazem discrepar daquella; assim como na maior extensão de syllabas commun. Há todavia syllabas invariavelmente longas ou breves, que o uzo tem feito taes; e hé o seu valor constante, que determina sempre a relação da syllaba commun ou variavel, que está ligada com ellas.

Desta arte, a syllaba de qualquer lingua que seja pode reduzir-se simplesmente á determinar, quaes são os seus sons invariaveis, para o que não conhecemos outra razão mais que o habito de assim os pronunciar; e se algumas regras achamos geraes de breves e longas n'huma lingua, estas falhão em outra.—Logo não hé da organização da loquella, segundo nos parece, que se deriva o valor constante da syllaba; mas sim dos habitos vocaes, conservados em cada idioma; isto hé, do uzo, como dissemos.—Cada lingua pois constando de palavras, consta de syllabas, ou de sons elementares breves e longos; e estes mesmos sendo invariaveis n'huma lingua, variaão quazi sempre á respeito d'outra; pois que a mesma syllaba longa ou breve de huma lingua, não hé a mesma syllaba longa ou breve da outra, isto hé, não tem o mesmo valor. Assim o longo o Grego; ou omega, não hé o longo o Latino, nem o Allemaão, nem o Portuguez, &c. A syllaba da lingua Grega hé mais caracterisada, e mais simplez, que a da Latina, por isso mesmo que as suas vogaes determinão com precizaão o caracter de suas longas e breves, assim como das commun ou variaveis. A

Latina hé mais complicada, pois que resulta mais da combinaçã das vogaes com as consoantes, em que hé muito inferior á Grega.—A syllaba Portugueza, que se deriva d'ellas ambas, ainda hé mais simplez que a Grega; posto que mais indeterminada, sendo toda ella capaz de se reduzir, como já vimos, á duas ou tres regras geraes.

Estabelecidas por este modo as relaçoens mais constantes, que a syllaba Portugueza tem com a Latina; passamos á considerar as deviaçoens, ou discrepancia que aquella faz desta; a qual se reduz principalmente aos dous cazos já mencionados; á saber, o accento final, e o valor diverso que resulta das suas vogaes combinadas com as letras liquidas e mudas; que ainda se poderiaõ reduzir á hum só cazo, por quanto as duas differenças tem grande connexão entre si; e assignar, se for possivel, as regras que devem dirigir o grammatico naquellas duas differenças.

No cazo de accento final temos duas observaçoens que fazer—a primeira hé que aquelle accento, pela razão que já demos de ser muito longo, reduz não só á syllabas breves todas as communs que o precedem, e mesmo aquellas que se lhe seguem, mas affecta de tal maneira as longas antecedentes que as desnatura-liza muito. Por exemplo, nas palavras *clamor*, *orador*, *operador*, de syllabas diversas; o accento final tem a propriedade de fazer breves todas as syllabas antecedentes, ao mesmo tempo que a syllaba naquellas tres palavras Latinas—*clamor*, *orator*, *operator*—hé longa. A segunda hé, que affectando elle, ou tornando menos longa a longa antecedente, produz huma especie de syllaba, que se não pode bem definir. Por exemplo, no verso de Virgilio que termina *vertice pastor*, o *pas* hé longo por ser vogal antes de duas consoantes, assim no Latim como no Portuguez; mas lida a palavra *pástor* á Portugueza, isto hé, com o accento na final, aquelle spondeo fica errado. Donde inferimos, que taes palavras não satisfazem sempre o metro requerido, como no presente cazo em que a palavra *pastôr* não faz hum spondeo, por não constar de duas syllabas igual ou aproximadamente longas. Que faremos entã de tantas palavras Portuguezas que estão naquelle cazo? Seraõ excluidas do metro? Eis aqui

como resolvemos o embarço:—Como o accento final affecta igualmente as syllabas subsequentes, decompondo-se, por assim dizer, e transferindo-se sobre ellas; segue-se, que se taes palavras não podem por-se no fim de hum verso de certo metro, podem-se pôr no principio ou no meio d'elle, ficando por isso reduzidas á palavras sem accento, e então no cazo ordinario. Vimós já, por exemplo, que a palavra *pastor* não pode fazer hum spondeo final de hum verso, mas pode fazelo no principio, ou no decurso d'elle, da maneira seguinte.—Supponhamos que temos de introduzir a palavra *pastor*, como spondeo em hum verso Saphico, ou hexametro—Canta pastor na sonoroza lira;—ou Canta-me pastor na lira que harmonica tanges.—Vendo-se n'hum cazo e noutro o accento da palavra *pastor*, decompor-se principalmente sobre a syllaba seguinte—*na*, e soando como se fosse huma só palavra *pastor-na*, a imitação de alguns cazos Latinos. Horat. por exemplo:—*Petimusque damusque vicissim.*

Eis aqui quanto ao accento. Resta-nos agora examinar a outra differença da syllaba Portugueza com a Latina, tocante a combinação de huma vogal com duas consoantes, huma das quaes seja liquida, e cujo valor dissemos ser differente nas duas lingoas. Para determinarmos a questão, seja-nos licito referir-nos outra vez aos principios estabelecidos.—Que os sons elementares ou vogaes não são os mesmos em todas as lingoas, e dão por conseguinte diversos resultados, combinados com as suas respectivas consoantes.—Vejamos pois que valor tem no Portuguez as cinco vogaes conhecidas—*a, e, i, o, u*,—e qual teriaõ pouco mais ou menos no Latim. Comecemos pelo—*a*. Na lingoã Portugueza o *a* tem tres distinctos sons, como se pode notar no verbo—amar. *Amâmos* no presente do verbo contém dous *as* com diversos valores, pois que o primeiro *ã*—*ãmâmos*—hé mui breve e mudo, entre tanto que o segundo *ã* hé mais aberto e longo. Comparando este segundo *ã* do presente com o *ã* do preterito *amâmos*, achamos que este hé taõbem longo, e muito mais aberto do que o do presente. Cremos que no Latim não havia tres sons no *a*: eis aqui a razão. Na palavra Latina *amor* há duas syllabas longas, por quanto no verso faz algumas vezes hum spondeo. Na

mesma palavra, em Portuguez, o *a* não só hé breve mas brevissimo, em razão do accentto final da segunda *amor*.—Amar, e amarei—pela mesma razão tem os *ás* antecedentes brevissimos, o que não pode acontecer no Latim por falta do accentto. Logo o *a* em Portuguez tem hum valor desconhecido no Latim, que em combinação de consoantes identicas deve dar diversos resultados. Applicando este principio á pratica, achamos, que em Portuguez o *a*, todas as vezes que vêm combinado com duas consoantes, huma das quaes seja a liquida *r*, e sem accentto, pode ser breve, assim como *arder*, *ardil*, e até nas palavras sem accentto final *artêza*, *argonauta*, e principalmente se tem duas liquidas, como *harmonia*; e isto não so assim hé pelas analogias do Portuguez com outras lingoas vivas, como o Allemaõ e Inglez, em que se verifica esta differença do Latim, mas pela razão que achamos n'hum dos valores do *a*, que chamamos brevissimo, o que se não encontra no Latim.

A mesma differença deve ter lugar no *e* Portuguez, por lhe acharmos taõbem outros tres sons distinctos, como se nota nas palavras *përder*, *përto*, sendo a primeira syllaba *për* mui pouco aberta; a segunda *për*, mais; e a terceira *pér* muito mais.

Esta regra porem não terá lugar nas combinaçoens do *i* e do *u*, por aquellas vogaes não terem variação em Portuguez á suppor-mos no Latim. Consequentemente, á respeito dellas nos serviremos das regras da syllaba Latina. Relativamente ao *o*, como na escala dos sons lhe não achamos propriamente se não dous, não lhe podemos dar a mesma extensão de productos, que demos ao *á* e *é*; com tudo nas suas combinaçoens com a liquida *m*, hé muitas vezes breve. Assim se faz delle a illizaõ, quando o precede huma vogal, bem como observamos continuamente no Portuguez e no Latim.

Este pequeno esboço de syllaba, para servir de auxilio ao metro, não deve ser olhado como hum perfeito tractado, incompativel com a tarefa limitada de hum Jornalista; mas poderá suggerir ao leitor curioso e amante da literatura ideas mais extensas, e talvez mais luminosas sobre este assumpto, alias prolixo e difficultozo. As nossas vistas neste ensaio tendem

sómente a melhorar na poezia Portugueza huma condição que lhe falta—o metro,—para se igualar á Latina, e Grega, se mesmo as não excêder. Seria superfluo recommendar a adopção deste projecto aos nossos literatos, que conhecem as excellencias da lingua Portugueza. Mas tudo o que for enriquecer a sua litteratura não pode ser indifferente ao Investigador Portuguez.

ECONOMIA POLITICA.

Preciosa Conquista Botanica, feita pelos Estados do Brazil.

(Artigo copiado do “Patriota do Rio de Janeiro.”—No. 3, Março, 1813.)

ACHANDO-ME prisioneiro de guerra na Ilha de França, em 1808, tratei de negociar e effectuei com aquelle governo o meo resgate e o de todos os nossos compatriotas, ao numero de 200, que ali taõbem se achavam na mesma desgraça, prospectando ao mesmo tempo roubar áquella colonia, para enriquecer este estado, parte das preciosidades, com as quaes MM. de Poivre e Menouville, em 1770, tanto a tinham illustrado. O projecto foi temerario, vistas as circumstancias em que me achava; mas o resultado foi o mais feliz, pois que consegui subtrahir do Jardim Real hum grande numero de arvores de especiaria, e de sementes exóticas, não sem muito trabalho, risco, e despesas: porem quando se trata de prosperar a patria, preenchendo os augustos, magnanimos, e providentes sentimentos do melhor dos Principes, tudo se arrosta.

Em Julho de 1809 entrei nesta capital, e dei parte á S. A. R. da minha acquisição, e me foi ordenado, por Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, que as distribuisse, dando huma porção á Real Junta do Commercio, e o restante ao